

## Conte-me! O que é o amor para você?

*“Há pessoas que amam o poder e outras têm o poder de amar”  
Bob Marley*

*Por Sonia Cristina Rovaris*

**P**ara narrar as histórias de amor que ouvi de pessoas acima de 60 anos utilizo citações bíblicas, músicas, poemas e frases associadas pelo narrador e pelo contador da história, durante a investigativa sobre “o que é o amor”, com contribuições de pessoas que fazem parte do cotidiano pessoal e profissional.

Considerando que cronologicamente meu pai está classificado como idoso - apesar de ele não se reconhecer pertencente a essa categoria, ao alegar não se sentir velho -, foi a primeira pessoa a quem apresentei o questionamento, pensando que narraria uma história de amor ainda mantida em segredo. Mas a história que ouvi havia sido contada durante a infância e adolescência, havendo apenas complementações, ao dizer que “o amor de uma pessoa de 60 anos é diferente do amor de uma pessoa de 20 ou 30 anos de idade”, para lamentar que o amor de hoje parece não ter sentido, pois ao mesmo tempo em que as pessoas mantêm uma convivência, dispõem-se a compartilhar objetivos e projetos de vida, interrompem os planos de um dia para o outro, como se a vida exigisse rapidez, os sentimentos tivessem que ser consumidos e descartados.

Para as pessoas que preservam um amor acima de qualquer obstáculo, pelo trabalho, por um animal, por alguém ou qualquer objeto, torna-se difícil compreender o sentimento de um amor passageiro, ou um amor que bate, mata e causa sofrimento. Meu pai fez várias comparações de amor relacionadas ao trabalho, ao próximo, a si próprio, a Deus, e ele demorou a costurar uma história de amor como aquelas encontradas nas lendas. Mas o significado desse amor é sintetizado na citação bíblica: “Ainda que eu falasse a língua dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, **nada seria.** (...) Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três, **mas o maior destes é o amor**”<sup>1</sup> (Coríntios 13:1-13).

Os relatos sobre histórias de amor aparecem fortemente ligados ao trabalho, ao assegurar ter conquistado dignidade por meio dele, indicando que a pouca escolaridade, “primeiro ano de cartilha”, não foi empecilho para labutar com contas e metragens na profissão de agricultor, lembrando que durante o período em que frequentou a escola “não associava sentido ao que fazia”, para ressaltar que tudo na vida precisa de amor.

---

<sup>1</sup> Grifos do narrador.

Então, o amor pelo trabalho e a constituição de uma família foram opções mais fortes, ao relatar que aos 23 anos de idade casou-se; e o nascimento dos quatro filhos veio acompanhado de sorte, pois garantiu dois casais na família, “duas mulheres e juntos chegaram dois homens gêmeos. Quem pensava que não vinha nenhum chegaram dois, e a descoberta do segundo só veio com o nascimento do primeiro homem”.

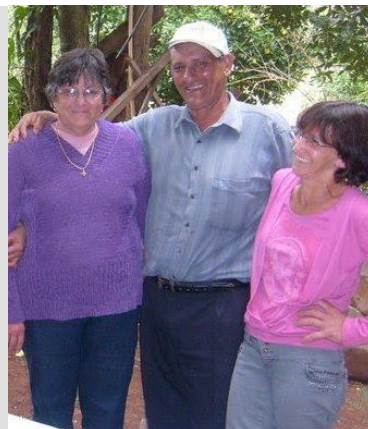
Hoje, a maior satisfação é saber que pôde ensinar os filhos sobre “o amor ao trabalho, à vida, a Deus, contar com a companhia deles e curtir os netos”. Contempla a trajetória de vida entre lutas, tropeços e conquistas, como história de amor, afirmando que a “minha história de casamento é uma história de amor que já dura 40 anos de convivência, diferente dos casamentos de hoje, que são passageiros”. Deseja que as pessoas vivam um amor mais duradouro.

Aparecem nos relatos fortes relações com o trabalho como meio de dignidade, e preocupações com os relacionamentos atuais de estilos efêmeros. Na relação com o trabalho, vale destacar que a cultura familiar tinha no “trabalho” e na aquisição da “propriedade” o binômio indispensável para uma vida melhor, superando qualquer dificuldade. Nessa cultura, o estudo ficava em segundo plano, quando as condições não eram favoráveis.

Na preocupação com os relacionamentos de estilos efêmeros que se cruzam com aqueles que preservam uma convivência que tende a ser eterna, ocorre, diante da incerteza, se na velhice será possível contar com parceiros para recontar os segredos da vida.

A música “Os velhinhos”, de Roberto Carlos, levanta dúvidas se no futuro será possível contar os segredos “para os nossos netinhos”. A incerteza pode ocorrer por diversos motivos: interrupção da vida; acometimento de doenças que dificultam a expressão da vontade, opção de levar uma vida só, situações de abandono, entre outras particularidades.

*Quando a velhice chegar,  
Eu não sei se terei,  
Tanto amor pra te dar (...)  
Hoje, vem, amor, vem  
amar.  
Os meus lábios esperam  
Te querendo beijar  
Amanhã estaremos  
velhinhos.  
Contaremos juntinhos  
Os segredos do amor  
Os segredos do amor  
Para os nossos netinhos.*



Elpidio Rovaris - 63 anos

Aproveitar a vida da forma como reconhecemos, da maneira que preparamos e considerando a funcionalidade que dispomos em cada etapa, não nos livra das

incertezas de mudanças da contemporaneidade. Walter Benjamin afirma em um de seus ensaios: “Nós não temos mais tempo para viver grandes paixões que nos estavam destinadas”<sup>2</sup>, como crítica à modernidade que acelera o tempo sem sentido, com relações instantâneas e breves.

Uma segunda história de amor foi contada pelo colega de trabalho Antonio Freitas, de 64 anos, que exerce a profissão de motorista há 43 anos e mantém uma relação matrimonial há 46 anos. Em uma das viagens a serviço para visitas institucionais, levantei o questionamento sobre “o que é o amor”. A resposta veio conceituada, metaforizada e exemplificada, afirmando que amor “é um sentimento que permanece em todo ato da vida, sem ele não há vida”.

Usa uma metáfora para destacar a importância do sentimento em qualquer ação da vida. Compara o amor como uma pessoa nadando: “Se tem amor consegue sair do local rumo ao destino, sem ele a pessoa entra em um estado de asfixia, agonizando, e não consegue se libertar”. Ressalta que mesmo com o amor “encontramos dificuldades que requerem paciência e não atropelo, como as pessoas costumam fazer; se preservarmos o amor a Deus, a nós mesmos, aos outros, chegaremos ao destino feliz”.

Cita como exemplos de história de amor a relação matrimonial, os quatro filhos, a conquista profissional como servidor público há 35 anos, as aquisições de bens que lhe proporcionam conforto e melhor qualidade de vida. Diz que “as decisões da família são mantidas até hoje com escuta mútua; se um não estiver de acordo o outro não faz”, que o amor “se reflete em todas as ações, quando pratica o bem a mente fica desimpedida do peso da consciência (...) por isso é um sentimento por Deus que proporciona equilíbrio e concentração para os atos da vida”.

Nessa história, o amor sintetizado nas palavras de Carmo (2007)<sup>3</sup>: é um destino feliz ao fim de um caminho difícil por uma estrada sem atalhos; é quando sonhamos acordados e só sabemos que é verdade porque tem alguém ao lado sonhando o mesmo; é quando a esperança tem paciência e não há submissão ou posse, mas entrega e pertencimento ao outro. Amor é colecionar detalhes, desde os mais simples.



A terceira história de amor será levada ao plural, pois são histórias contadas em partes em uma visita a uma Instituição de Longa Permanência para Idosos. Ao visualizar a cena de passividade, certa ausência de autonomia, o observador sentiu que ali era a espera da surpresa do que virá, e teve a ideia de fazer o questionamento<sup>4</sup> sobre “o que é o amor”, imaginando a possibilidade de contribuir na virada

<sup>2</sup> Citação extraída do documentário *O amor como consumo*, de palestra proferida por Olgária Matos. Programa Café Filosófico. Cultura, 2006. Curadoria: Renato Janine Ribeiro. Duração 45min. Artesanato Digital.

<sup>3</sup> <http://www.eusoqueriaumcafe.com/2010/01/o-que-e-o-amor.html>

<sup>4</sup> Atividades complementar do Programa de Pós em Gerontologia pela PUC-SP.

do "caleidoscópio" e visualizar uma nova cena de cidadãos com vontades e desejos, não corpos à espera do próximo comando.

Aquelas pessoas sentadas na área externa, esperando a chamada da rotina seguinte da instituição, aproveitando o sol da manhã, observando o movimento da rua, conversando, mostravam-se como ações sem sentido, repetidas todos os dias. Para alguns ali não era o lugar que gostariam de estar. Nesse cenário, era um desafio o questionamento sobre "o que é o amor, ou se alguém gostaria de contar uma história de amor".

Muitas respostas foram parecidas com a música de Roberto Carlos, "Minha história de amor", que versa: "Minha história de amor eu não posso nem contar, se eu contar você vai rir, e eu sei que vou chorar". Durante as duas horas de diálogo, direcionados de forma individual, entre os idosos dispostos a falar sobre "o que é o amor", foram ouvidas histórias de amor nas entrelinhas e da vida, com suas particularidades, sentimentos de estranhamentos e de conformação.

Em meio aos diálogos, o amor ficava calado, indicando um amor sem reciprocidade, ou uma maneira diferente do amar e do ser amado pelo outro. Nesses diálogos, o amor dificilmente aparecia com parceiros, os que fizeram referências foram de passagens, indo embora sem endereço, trazendo um amor de lembrança, de esperança, um amor sem amor, reprimido, não reconhecido, que despertou no narrador, naquele momento, um amor impossível, pois desejaria que aquelas histórias fossem reconhecidas pelos contadores como histórias que permeiam ou permearam o amor de formas diferentes.

Para falar de amor, dona Zeza, de 80 anos, comentou sobre sua amizade e apreço pela antiga vizinha, que hoje estava dividindo o quarto na Instituição. Essa vizinha chamava-se dona Carmem, que não lembra mais de sua idade, mas aparentava ser octogenária; com voz baixa e introspectiva, contava longas histórias da convivência e fatos ocorridos entre sua mãe, seu pai, sua avó e seu irmão, como se estivesse vivendo aqueles fatos no presente, como se a doença de Alzheimer não a tivesse levado ao distanciamento da convivência familiar.

Nas falas de dona Diolinda, de 80 anos, que utiliza acessórios para locomoção (muleta), observava os comentários e fazia interferência se alguém interrompesse, mantendo uma postura de ordem. Ao referir sobre o amor, destacou sua profissão de professora, como relação de amor maior, ao contar da decepção amorosa durante um namoro de oito de anos com um homem conhecido da cidade, interrompido com a traição de uma amiga, com quem ele se casou. Diz que mesmo com o enxoval pronto, não quis mais se envolver em outros relacionamentos conjugais, mas que sua família lhe deu "uma bela festa de formatura com tudo de direito, e meu casamento foi com o diploma", e depois com o exercício da profissão em bancas de reforço escolar.

Após a morte de sua mãe, suas irmãs sugeriram a Instituição, diante das limitações de ficar sozinha em casa, pois no local haveria pessoas para lhe fazer companhia durante o tempo todo. Por esse motivo, gostava do local, principalmente porque conheceu dona Balmi, que parece com sua mãe e mantém forte relação de amizade e amor.

Dona Balmi, com idade acima dos 80 anos, usa acessórios para locomoção (andador) e perda auditiva; naquele momento não se mostrou disposta ao diálogo, mas pediu ajuda para tomar sol e retornar ao quarto. Dona Maria, conhecida como Lica, de 72 anos, mostrava-se sonolenta na cadeira, com resistência em dialogar sobre o amor nos primeiros minutos, mas o questionamento sobre o que gostava de fazer antes de chegar à Instituição despertou certo interesse.

Exercer a profissão de costureira foi sua relação de amor com a vida e com o que fazia, ao enfatizar que “minha costura tinha bom acabamento, as pessoas gostavam do meu serviço, olha... Este vestido (que visto) fui eu que costurei”; faz referência saudosista dos patrões com quem trabalhou durante 30 anos, um casal espanhol, afirmando que “os espanhóis são pessoas muito boas, sinto não saber mais notícias deles”.

O poema de Baudelaire, “Uma passante”, se aproxima da sensação hipotética contada pela idosa, pois se soubesse onde esse casal espanhol estava sua vida poderia ganhar nova cena. O último parágrafo versa: “Longe daqui! tarde demais! nunca talvez! Pois não sabes de mim, não sei que fim levaste, tu que eu teria amado, ó tu que o adivinhaste!”. Nessa história, o amor é alimentado na esperança e na imaginação de alguém que um dia lhe proporcionou, e se reencontrado proporcionaria novas oportunidades, não deixando claro o reconhecimento de reciprocidade.

Outras histórias de curta-metragem, como a de seu Nelson, deixaram-me a interrogação: em que posso ajudar? Por várias vezes, ele dizia: “Tudo cor de rosa com pintinhas brancas”, ao cumprimentá-lo com “bom dia!”. Ele disse: “O dia só pode dizer que foi bom no final da tarde”. Aos 72 anos, conta sobre as profissões que exerceu na vida, cita a experiência de dez anos como sapateiro, 15 anos como mecânico, a existência de três filhos (duas mulheres que são professoras e um homem que trabalha em um caixa de supermercado); a princípio, não faz referência à mãe deles.

Comenta que foi trazido para aquele lugar para tratamento de saúde, informado que passaria dois dias, e já se foram dois anos e cinco meses, e não sabe quando será sua volta para casa. Diz que no início seus filhos o visitavam, mas após o casamento de um deles não vieram mais para as visitas. Com o prolongamento da conversa, fala de mais três filhos, inclusive gêmeos, do primeiro relacionamento, em uma cidade da região (Muritiba), mas há dez anos não tem notícias deles.

Durante o tempo que estive com ele, o sorriso sombreado com a aba do boné não revelava as lágrimas de um único sentimento que mostrou nas últimas

palavras do diálogo; quando perguntei sobre o amor vivenciado hoje, a resposta foi que nesse momento não existia amor, pois sua única vontade era sair pelo portão da Instituição e retornar para sua casa; definiu o amor como “eterno, que amar é a maior coisa do mundo, junto com o respeito, a amizade e a saudade (...) que amar é ficar com uma pessoa, só que ela vai embora e eu também, e nenhum sabe que destino tomou. (...) Hoje, o amor é Deus, sou cristão, não vou à igreja, mas a igreja vem até mim”.

Não ir à igreja ocorre pelas normas da Instituição, pois os moradores têm pouca participação externa; dependem da vontade do próximo na interação com a sociedade que ocorre dentro das dependências da entidade.

O diálogo com Nelson levantou questionamentos sobre os serviços oferecidos nas ILPs, e como fortalecer histórias de amor nesses espaços. Pois ele revelava que não sabia o motivo pelo qual permanecia até hoje institucionalizado, que não reconhecia a necessidade de tratamento de saúde naquele local, e o desejo de retornar para casa para ter a liberdade de escolha, ir ao supermercado, tomar uma bebida. Então perguntei:

- O senhor gosta de beber?
- Sim.
- Aqui não tem nem um vinho, aperitivo?
- Não.
- Será que foi o motivo da bebida que sua família o encaminhou para este local, alegando tratamento?
- Não sei.
- Nunca falaram nada para o senhor? Já perguntou para as pessoas aqui na Instituição?
- Eles dizem pra deixar pra lá, que Deus sabe o que faz.

Parte do diálogo buscava descortinar o motivo que o havia levado até ali, um lugar no qual não queria estar.

Outro idoso que estava na mesma situação era o sr. Deraldo, de 74 anos, que andava com seu rádio ouvindo notícias e músicas, acompanhado por uma sacola plástica com seus pertences, escondendo insatisfação com o local que lhe foi destinado. No início do diálogo sobre amor afirmou que “gaiola é para passarinho”, comentou que tem vontade e saudade da lida no comércio, com vendas de confecções e tecidos na rua Conselheiro Franco, pois “adorava vender os tecidos” casimira, tropical, seda, cambraia de linho. E que amor é “quando as pessoas se adoram” (...) “é união”. Não mostra amor a personagens, mas a relação de amor estabelecida no trabalho com os clientes, e não reconhecia a possibilidade de satisfação no atual lugar em que se encontra.

Essas curtas histórias sobre o significado do amor demonstram o quanto é importante para o ser humano permanecer fazendo escolhas, talvez mais

importante do que ter vivido bem-sucedido parte da vida. O projeto de mudança, se não acompanhando de reelaboração do sujeito, é motivo dramático para o humano. A música “Helena de Troia”, da banda Cathedral, reflete sobre o processo de envelhecimento:



*Tanto tempo já passou  
E o teu rosto não se foi  
Meu absoluto amor  
Meu desejo mais forte  
diz pra mim qual a razão  
da maneira de te amar  
folhas caem com o vento  
Mas vão voltar a se  
encontrar pelo chão  
diz a razão pra não  
deixar  
A felicidade vem quando  
vamos procurar  
Eu te dei o que era meu,  
Mas mesmo assim não  
me encontrei em teu ser  
Olhos reais, mas  
desiguais  
Helena*

Será que a partir do momento que assumimos a maior idade, não precisamos iniciar um planejamento que guie as etapas seguintes da vida, inclusive a velhice? Podemos pensar que isso choca com o confisco da vida, e o como evitar a insatisfação de permanecer em um lugar não desejado? Como reconhecer se isso foi uma maneira diferente de amar ou uma forma de vingança ou apropriação alheia? Como os espaços coletivos de vivências prolongadas para pessoas acima de 60 anos dão continuidade ao fortalecimento das histórias de amor?

Estas foram algumas reflexões apreendidas durante a investigativa com pessoas acima de 60 anos para saber “o que é o amor”, revelando um sentimento que acompanha as ações diárias.

### Referências

BANDA CATEDRAL, Helena de Troia, 2001. Disponível em <http://letras.mus.br/catedral>, acessado em 01/05/2013.

BAUDELAIRE, Charles. Uma passante. Poema. Disponível em <http://pensador.uol.com.br/frase/OTY5MDc3/>, acessado em 01/05/2013.

ROBERTO CARLOS. Os Velinhos. Música do compositor José Messias, 1967. Disponível em <http://www.vagalume.com.br/roberto-carlos/os-velinhos.html>, acessado em 01/05/2013.

*Data de recebimento: 28/04/2013; Data de aceite: 09/05/2013.*

---

**Sonia Cristina Rovaris** - Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (2001); Especialização em Saúde da Família pelo Instituto Brasileiro de Pós-Graduação e Extensão - IBPEX (2007); Especialização em Proteção Integral às Crianças e Adolescentes pelas Faculdades Integradas Ipitanga (2012). Cursando o Programa de Estudos de Pós Graduação em Gerontologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atua como Analista Técnica em Serviço Social na Regional do Ministério Público Estadual em Feira de Santana (BA). Colaboradora do Portal do Envelhecimento. E-mail: [rovaris.cristina@yahoo.com.br](mailto:rovaris.cristina@yahoo.com.br)